

AS (DIFERENTES) FUNÇÕES DA LINGUAGEM: CONTRIBUIÇÕES DE JAKOBSON E VYGOTSKY

André GONÇALVES RAMOS¹

Resumo: A partir do surgimento da linguística como ciência moderna, no início do século XX, desenvolveu-se uma concepção muito clara sobre a necessidade de a Linguística firmar-se como uma ciência autônoma no quadro geral das ciências sociais. Não por acaso o lema do I Congresso de Linguistas, realizado em Haia em 1928, era “a autonomia da Linguística” (JAKOBSON, 1970, p. 12). No entanto, a autonomia da linguística como ciência não a isola das outras áreas do conhecimento. Apesar do papel basilar que a linguagem desempenha no quadro das ciências sociais, é preciso admitir outros modos de ver o fenômeno linguístico e buscar interpretá-los em termos de complementaridade interdisciplinar. Neste trabalho, buscaremos apresentar algumas considerações sobre as contribuições, ao estudo da linguagem, das teorizações sobre as funções da linguagem formuladas durante meados do século XX, tanto na área da linguística estrutural, recorrendo às contribuições de Roman Jakobson, quanto na área da psicologia, focalizando os estudos de Lev Vygotsky. O objetivo não é estabelecer comparações e relações entre as teorias em si, mas sim mostrar um paralelo das concepções que tematizam as funções da linguagem reconhecendo a importância de cada um dos autores.

Palavras-chave: Funções da Linguagem. Linguística. Psicologia.

Introdução

Ao estabelecer um objeto próprio de estudo e constituir um método particular de análise da linguagem, no início do século XX, Ferdinand de Saussure inaugurou o que veio a se chamar de Ciência Linguística Moderna. A partir desse momento e durante quase toda a primeira metade desse século, desenvolveu-se uma concepção muito clara sobre a necessidade de a Linguística firmar-se como uma ciência autônoma no quadro geral das ciências sociais. Surgiu, então, o chamado estruturalismo linguístico, que veio a constituir-se como a principal corrente teórica que desenvolve o modelo proposto por Saussure. A origem do estruturalismo, por sua vez, confunde-se com o surgimento do chamado Círculo Linguístico de Praga. A

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras - UFSM. Santa Maria – RS Brasil.
goncalvesramos.andre@gmail.com

primeira importante aparição do Círculo de Praga aconteceu em 1928, durante o I Congresso de Linguistas, realizado em Haia, que, não por acaso, apresentava como lema “a autonomia da Linguística” (JAKOBSON, 1970, p. 12). Nesta oportunidade, linguistas importantes, como Antoine Meillet, propuseram um programa, muito influente nos anos seguintes, que realçou os métodos e tarefas da Linguística enquanto ciência autônoma.

Porém, a Linguística não é capaz de dar conta de todas as questões do campo da linguagem. Sua autonomia como ciência não a isola das outras áreas do conhecimento. Jakobson (1970) alerta para a necessidade de um equilíbrio entre a autonomia e integração no campo da Linguística. Em suas considerações no trabalho intitulado “A Linguística em suas Relações com Outras Ciências”, este autor destaca que, devido ao papel basilar que a linguagem desempenha no quadro da cultura, “o problema das inter-relações entre as ciências do homem parece centrar-se na linguística” (p. 13). Assim, num discurso de “cooperação interdisciplinar”, ainda que considerando a Linguística como ponto de partida para uma ordenação das ciências humanas, Jakobson (p. 18) admite ser possível interpretar diferentes concepções “como dois modos verdadeiros, porém parciais, que se defrontam em uma relação seguramente definida como complementaridade”.

Sendo assim, o recorte feito para conduzir as considerações deste artigo centra-se nas contribuições ao estudo da linguagem, das teorizações sobre as funções da linguagem formuladas durante meados do século XX, tanto na área da linguística estrutural, recorrendo às contribuições de Roman Jakobson, quanto na área da psicologia, focalizando os estudos de Lev Vygotsky.

O objetivo não é estabelecer comparações e relações entre as teorias em si, mas mostrar um paralelo das concepções que enfocam as funções que a linguagem desempenha, reconhecendo a importância de cada um dos autores.

Funções da linguagem: Jakobson

Roman Jakobson é considerado uma das figuras mais destacadas do chamado Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926, que reuniu diversos linguistas imbuídos dos mais diversos interesses, tanto da linguística quanto da teoria literária (LUCCHESI, 2004; BLIKSTEIN, 2010). Porém, antes de fazer parte do Círculo de Praga, Jakobson ajudou a

fundar o Círculo Linguístico de Moscou (1915), do qual se originou o chamado grupo dos formalistas russos, que teve atuação pioneira no que se refere ao estudo científico da arte literária (MATTOSO CÂMARA, 1970; BLIKSTEIN, 2010).

A nota de falecimento de Jakobson publicada no *Jornal do Brasil* (21/07/1982) fornece uma boa descrição do autor e de sua obra:

Roman Jakobson – 85 anos, num hospital de Boston, na noite de domingo. Um dos nomes mais importantes da Língua e do Estruturalismo, considerado o Pai da Fonologia Moderna, Roman Jakobson nasceu em Moscou, emigrou para a Tcheco-Eslováquia e chegou aos Estados Unidos em 1941. Foi professor das universidades de Columbia, Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachusets. Deixou mais de 500 livros e artigos – dois livros e 15 artigos escritos em seu último ano de vida – entre os quais se destacam **Linguística e Poética**, um famoso estudo sobre a obra de Fernando Pessoa e obras sobre a poesia portuguesa medieval e sobre os formalistas russos. No campo da Fonologia, estudo das propriedades abstratas dos sons da fala, acreditava que muitos fenômenos linguísticos que parecem dependentes uns dos outros obedecem, na realidade, a leis gerais. Lia em 25 idiomas. Deixou viúva uma professora de Literatura Russa do Departamento de Humanidades do Instituto de Tecnologia de Massachusets.

Segundo Blikstein (2010, p. 10), “a maior parte da extensa obra de Roman Jakobson está dispersa em revistas especializadas de vários países e em volumes de elaboração coletiva”. Uma dos principais textos de Jakobson, além do citado acima, é o documento fundador do Círculo de Praga, elaborado em 1928 para o I Congresso Internacional dos Linguistas (MATTOSO CÂMARA, 1970). Este documento, que foi ampliado e publicado sob o título de *Teses do Círculo de Praga*, em 1929, desenvolve a proposta de um novo enfoque para os estudos linguísticos, baseados em Saussure, porém estendendo o método estrutural ao estudo histórico da língua, originando o chamado “estruturalismo diacrônico” (LUCCHESI, 2004, p. 81).

O texto mencionado, *Linguística e Poética*, publicado em francês num volume intitulado *Essais de Linguistique Générale*, apresenta uma discussão sobre as relações entre linguística e poética, designando para cada uma o seu estatuto. Ao propor uma “análise científica e objetiva da arte verbal” (JAKOBSON, 2010, p. 153), Jakobson postula que a Linguística deve estudar a Literatura, sobretudo a linguagem poética, pois esta está presente em todas as atividades verbais. Por outro lado, o estudo linguístico-literário não deve limitar-

se a julgamentos de valor, pois lhe cabe a investigação sobre a estrutura verbal da linguagem poética.

Ao tratar da questão poética como campo de estudo da Linguística, Jakobson a situa entre as funções básicas da linguagem. Antes, ele define o esquema completo que explica os elementos envolvidos em uma comunicação. Cada elemento está, por sua vez, relacionado a cada uma das funções que ocorrem concomitantemente nas trocas de mensagens, evidenciando o estilo da comunicação e influenciando a estrutura linguística. Assim, as mensagens épicas, por exemplo, tendem a ser metonímicas, isto é, sobressai-lhes a função referencial; por outro lado, nas mensagens líricas, sobressai a função emotiva, pois o elemento central é o próprio emissor. Trataremos destas questões com mais detalhes mais abaixo.

Antes de descrever os fatores constitutivos do processo comunicativo e os conceitos de cada uma das funções a eles relacionadas, é preciso destacar as consequências da consideração destas no estudo linguístico. Considerar as funções implica, sobretudo, superar o pressuposto saussuriano do estudo mecânico das relações internas dos elementos linguísticos.

Nas palavras de Jakobson (1929 [1973, p. 9] citado em HOLENSTEIN, 1978, p. 9), “não é a impulsão externa, mas as condições internas da evolução, não é a gênese sob sua aparência mecânica, mas a função, que estão no centro do interesse científico atual”. Considera-se, portanto, a função como parte da estrutura geral da língua, influenciando na “estrutura verbal” (JAKOBSON, 2010, p. 157) e, conseqüentemente, na significação.

Assim, a característica principal da Escola de Praga é a relação entre estruturalismo e funcionalismo, o que gerou, segundo Paveau e Sarfati (2006, p. 118), um “estruturalismo funcional”. O termo “estruturalismo” se justifica pela consideração de língua, ou seja, o objeto como um sistema. Já a designação “funcionalismo” da-se pelo acréscimo de outra dimensão, justamente referente ao termo “funcional”, o que coloca no jogo da estrutura e do sistema a questão da função e da tarefa (PAVEAU e SARFATI, 2006).

Segundo Lucchesi (2004, p. 85), a introdução no estudo linguístico da “noção de funcionalidade” tem um papel fundamental para o desenvolvimento deste. Ainda que não superasse a ideia de língua como sistema homogêneo e unitário, advinda de Saussure, o conceito de função marca uma tentativa de dar mais concretude a noção “até certo ponto fictícia” de língua (LUCCHESI, 2004, p. 86).

Como afirmamos anteriormente, Jakobson apresenta o modelo funcional da comunicação no texto *Linguística e Poética*, escrito em 1960. Não por acaso Holenstein (1978, p. 157) afirma que o ponto de partida do estudo funcional feito por Jakobson foi, ainda na fase de Moscou e início da fase de Praga, “a distinção entre linguagem cotidiana e a da poesia”. Assim, a consideração da função poética fez com que Jakobson entresse outras funções, além daquelas apresentadas por Karl Bühler.

Bühler foi um dos teóricos mais influentes no Círculo de Praga, do qual foi adotado e expandido o *modelo-organon* da língua. O modelo proposto por Bühler desenvolve a concepção do tríplice caráter instrumental da linguagem,

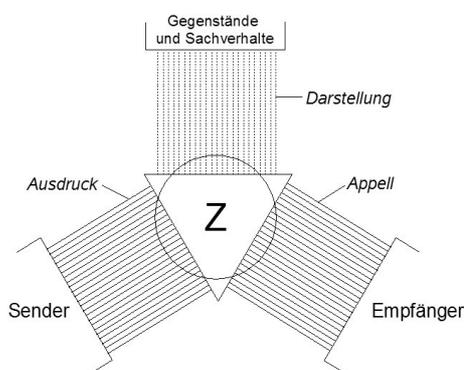


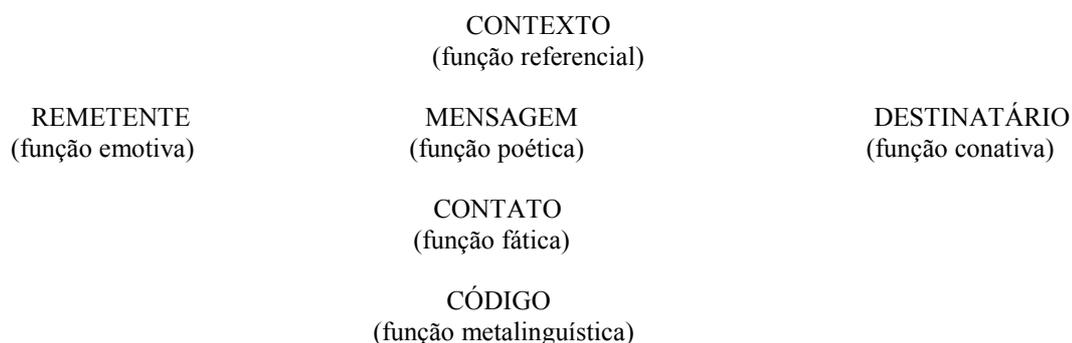
Figura 1: O Modelo-organon, disponível em <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Organon-Modell-corr.png?uselang=es>

Acesso em: 06/08/2012

onde *sender*, *gegenstände und Sachverhalte* e *empfänger* se referem, respectivamente, aos três “fundamentos da situação linguística”: o remetente, os objetos do discurso e o destinatário (cf. HOLENSTEIN, 1978, p. 157). Já os outros três elementos correspondem, segundo Lucchesi (2004, p. 88) às três funções linguísticas: *ausdruck* (função expressiva), *darstellung* (função de representação) e *appell* (função de apelo). Na análise de Bühler, segundo Paveau e Sarfati (2006, p. 124), essas funções correspondem a “fenômenos gramaticais”. Assim, ainda de acordo com estes autores, encontra-se a função expressiva no uso do subjuntivo e da 1ª pessoa; a função de representação no emprego do indicativo e da 3ª pessoa; e a função de apelo na utilização do imperativo e da 2ª pessoa.

Jakobson distingue outras três funções para complementar o modelo de Bühler. Além da função poética, já mencionada, constituem as funções da linguagem (ou da língua como prefere Lucchesi, 2004) as funções fática e metalinguística.

O quadro que resulta desse modelo expandido é apresentado pelo próprio Jakobson (2010), primeiramente sob a consideração dos fatores envolvidos na comunicação verbal e, posteriormente, considerando as funções de cada um destes fatores, o que resulta no esquema a seguir:



Assim, a estrutura da comunicação se configura a partir do remetente que envia uma mensagem para um destinatário. Esta mensagem requer um conteúdo (contexto ou referente) apreensível pelo destinatário. Para isso, os requisitos elementares são: um código comum aos interlocutores e, por fim, um canal físico de contato e uma conexão psicológica entre codificador e decodificador.

Ao estabelecer as relações entre fatores constitutivos da comunicação e suas funções, Jakobson alerta para o fato de que cada mensagem verbal apresenta uma diversidade de funções e que é a predominância de uma ou de outra que determina a estrutura verbal e não a sua exclusividade. Considerando que, para Jakobson, a estrutura verbal implica na significação, podemos inferir a importância da relação entre função, estrutura e significação nas formulações deste autor.

A função emotiva, segundo Jakobson (2010) indica a capacidade que a linguagem tem para expressar a atitude de quem fala em relação ao que está falando. Esta função empresta certo colorido às mensagens nos diferentes níveis linguísticos, imprimindo traços como, por exemplo, o alongamento enfático da vogal em [gra:nde], que possuem, segundo Holenstein (1978, p. 158), uma função de “distinção no que se refere à significação do discurso”, contendo informação sobre o emissor. No entanto, são as interjeições que apresentam os

exemplos mais puros da função emotiva. Essas características ressaltam a atitude, o *status* e o estado de espírito do locutor. Para Holenstein (1978, p. 158-159), o emotivo é inerente, em certa medida, a toda mensagem, pois “qualquer enunciado dotado de sentido permite o reconhecimento de um ato de reflexão”.

Considerando o quadro ilustrativo da comunicação verbal proposto por Jakobson (2010), em que toda mensagem está direcionada para um destinatário, entende-se que a função conativa esteja presente em todos os enunciados, tal como a função emotiva. Porém, a função conativa encontra sua maior expressão nas mensagens em que se expressa uma orientação direta ao destinatário, como, por exemplo, nos vocativos e nos usos verbais do imperativo.

Identifica-se a função fática quando uma mensagem visa estabelecer, prolongar, controlar ou interromper a comunicação. As chamadas telefônicas são ricas em elementos que expressam a função fática. *Alô, está me ouvindo?*; e a resposta: *hum-hum* são exemplo de expressões que servem para verificar o estabelecimento e se o canal está funcionando (JAKOBSON, 2010).

A função referencial serve para designar objetos e atribuir-lhes significações. Refere-se ao que está em jogo na mensagem emitida, por isso é resultado de uma operação psicológica, cognitiva (JAKOBSON, 2010). Com inspiração na filosofia transcendental, chega-se à concepção de que sempre nos referimos a objetos já percebidos, imaginados, desejados, pensados, etc. isto é, objetos já colocados num sistema de signos, portanto, significados. Segue-se daí a ideia de que “não há referentes isolados, sem contexto em que a sua designação variável esteja enraizada” e que “esse contexto não é necessariamente de natureza linguística, mas sempre semiótica e suscetível de ser verbalizada”. É a afirmação do fato de que “o mundo é encerrado na nossa consciência”, isto é, a “clausura semiótica” ou “clausura do universo dos signos” (HOLENSTEIN, 1978, p. 162-163).

A metalinguagem desempenha um papel importante na linguagem cotidiana e, inclusive, na aquisição de uma língua. A função metalinguística se expressa mais claramente em frases que fornecem informações a respeito do código lexical de um idioma, o que Jakobson (2010, p. 162) chamou de “sentenças equacionais”. O diálogo proposto por Jakobson (2010, p. 162) exemplifica este tipo de mensagem:

Imagino este diálogo exasperante: “O *sophomore* foi ao pau”. “Mas o que quer dizer ir ao pau?” “A mesma coisa que levar bomba.” “E levar bomba?” “Levar bomba é ser reprovado no exame.” “E o que é ‘*sophomore*’?”, insiste o interrogador, ignorante do vocabulário escolar em inglês. “Um ‘*sophomore*’ é [ou quer dizer] um *estudante de segundo ano*.”

Assim, da mesma forma que uma criança não aprenderia sua própria língua, um adulto, por exemplo, não aprende uma língua estrangeira sem explicações metalinguísticas.

A função poética foi, segundo Lucchesi (2004, p. 89), a função para a qual os membros do Círculo Linguístico de Praga mais voltaram a atenção. Sumariamente, a função poética caracteriza aquelas mensagens que apresentam uma orientação para a própria mensagem. De acordo com as palavras de Holenstein (1978, p. 168),

Segundo Jakobson, a poesia constitui o campo onde descobriu e estudou os mais importantes princípios da lingüística estrutural: a autonomia da linguagem, o caráter estrutural acentuado da linguagem (a interdependência do todo e das partes), o papel da apercepção ou da orientação, a interdependência de som e sentido e das estruturas prosódica (métrica) e gramatical, os dois eixos da linguagem, a multiplicidade das funções lingüísticas etc.

Jakobson constata, entretanto, diversas características específicas dessas mensagens, enfatizando que essa função não é exclusiva da poesia. Assim, ela é apenas o fator predominante e determinante da sua estrutura. Para este autor, a função poética surge quando há uma projeção do princípio de equivalência – que é, na linguagem cotidiana, atribuído ao eixo da seleção de elementos lingüísticos – sobre o eixo das combinações. Na função poética, a equivalência passa a ser um recurso constitutivo da sequência, através do metro, da aliteração, da rima, etc. Dessa forma, um constituinte suscita outro por uma relação de semelhança ou dessemelhança, produzindo, assim, mudanças na estrutura verbal e, conseqüentemente, carga semântica. Em outras palavras, estes elementos não são somente palavras que rimam, por exemplo, a relação entre elas ultrapassa o nível fonológico e contempla o nível da significação.

Função reguladora da linguagem: Vygotsky (origem, contribuição teórica, conseqüências)

Lev Vygotsky, nascido em 1896 e falecido em 1934, foi, segundo Puzirei (2000), uma das figuras mais notáveis e avançadas da jovem psicologia soviética. As palavras de Luria (1988, p. 21), um de seus discípulos mais destacados, corroboram a ideia da notável figura que Vygotsky representava:

Não é exagero dizer que Vigotskii era um gênio. (...) nunca encontrei alguém que sequer se aproximasse de sua clareza de mente, sua habilidade para expor a estrutura essencial de problemas complexos, sua amplitude de conhecimentos em muitos campos e sua capacidade para antever o desenvolvimento futuro de sua ciência.

Bacharel em direito (1918) e doutor em Psicologia da Arte (1925), Vygotsky formou um grupo de pesquisadores, que pela tríplice aliança, se autodenominaram “troika” (LURIA, 1988, p. 22). O trio Vygotsky, Leontiev e Luria se debruçou, então, na tarefa de “criar um novo modo de estudar os processos psicológicos humanos” (LURIA, 1988, p. 22). Devido a sua morte prematura, a obra de Vygotsky ficou inacabada, aliás, a doença que o acompanhou (tuberculose) por muitos anos acabou por dar à sua obra um sentido de urgência, capturável, segundo Morato (1996, p. 27), no “estilo” e nas “poucas categorias” com as quais ele trabalhou. De acordo com Morato (1996, p. 27), Vygotsky abrangeu em sua psicologia “um grande número de preocupações teórico-práticas que assolavam a URSS pós-revolucionária, num contexto remanescente do século XIX”. No entanto, apesar de Vygotsky ter vivido no período de revoluções socialistas e de ter sofrido uma reconhecida influência de Marx, não pretendemos estabelecer relações de sua obra com o contexto histórico, pois nos colocamos de acordo com Morato (1996) quando alerta para o perigo de se “resvalar” na pura historiografia ou no caráter meramente especulativo ao “tomar seus textos (de Vygotsky) como decorrência das condições materiais em que foram escritos” (MORATO, 1996, p. 28).

Vygotsky defende que as funções cognitivas dos seres humanos mantêm relações com o plano social através de processos semioticamente mediadores. Dentre os processos semióticos, ele destaca a linguagem, uma vez que, segundo Morato (1996, p. 31), é por sua “natureza auto-reflexiva e mediadora que se constitui a relação do homem com o mundo social”. A linguagem surge primeiramente no plano social e, depois, internalizando-se, passa a integrar também o plano individual.

Para Vygotsky (2009), o pensamento da criança surge inicialmente separado da linguagem. Assim como Saussure, Vygotsky sustenta a visão do pensamento sem a palavra como uma massa amorfa, confusa. Porém, é só inicialmente que pensamento e linguagem estão separados, logo entra em jogo um processo de generalização que os une. Esse processo se dá através do significado, que é entendido como a unidade do pensamento e da linguagem e, por isso, um fenômeno tanto linguístico, quanto psicológico.

Os significados apresentam uma característica de inconstância e mutabilidade, o que, por sua vez, implica na mudança da relação entre pensamento e linguagem. Linguagem e pensamento se unem inicialmente através de um todo (uma ideia completa) condensado em uma palavra, isto é, uma oração lacônica. Em seguida, essa relação caminha em direção às partes, pois o pensamento desmembra-se através de outras palavras. As palavras, por sua vez, unem-se ao pensamento partindo de uma unidade inicial, uma palavra (aquela que representava isoladamente um pensamento inteiro/ideia) e se desenvolvem rumo ao todo, isto é, à oração completa. Assim, é o movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento que caracteriza a relação entre linguagem e pensamento. O autor conclui, então, que o pensamento não se expressa pela palavra, mas sim se realiza nela (VIGOTSKI, 2009).

Porém, como dissemos anteriormente, antes de se unir ao pensamento, a linguagem é um fenômeno externo à criança. A linguagem, para Vygotsky (2009), caminha de fora para dentro através do processo de generalização, que ocorre, por sua vez, por conta da interação da criança com pessoas mais experientes. É a necessidade de se comunicar que faz com que a criança utilize a linguagem. Assim, a função primeira da linguagem é a interação com o outro e está associada ao que Vygotsky (2009) chamou de linguagem externa.

A partir desse momento, com o desenvolvimento da criança, o pensamento passa a ligar-se à linguagem à medida que ela a utiliza como auxílio na resolução de pequenas tarefas. Surge a linguagem egocêntrica. A linguagem egocêntrica representa o início da internalização da linguagem. Essa fase do percurso caracteriza-se pela vocalização, ainda que a linguagem se dirija a si próprio.

Algumas características levaram Vygotsky a perceber que a linguagem egocêntrica, ao contrário do que postulava Piaget, representa uma transição da função exclusivamente externa da linguagem para o discurso interno. A função da fala egocêntrica é a mesma do discurso interior, isto é, auxiliar o indivíduo nas suas operações psicológicas (nas tarefas que tenta

resolver) ou, em outras palavras, regular o comportamento. Porém, a linguagem egocêntrica ainda apresenta vocalização, uma característica da linguagem exterior (VIGOTSKI, 2009).

A linguagem (ou discurso) interior surge quando a vocalização da fala egocêntrica cessa. Porém, Vygotsky (2009) constatou que, à medida que esta se desenvolve, apresenta uma estrutura verbal cada vez mais diferenciada da fala exterior. Como sua função é comunicar para si, resulta em linguagem abreviada, fragmentada, desconexa e incompreensível para os demais. Mais precisamente, essas características são resultado do que Vygotsky chamou de predicatividade, ou seja, há, no discurso interior, uma tendência à omissão do sujeito e das palavras a ele vinculadas e à manutenção do predicado e dos termos a ele vinculados.

Dessa forma, as formulações linguísticas de Vygotsky (2009) indicam o caráter regulador da linguagem, uma vez que o resultado da internalização da linguagem é o controle do comportamento ou, em outras palavras, a formação dos processos psicológicos superiores (cf. VIGOTSKI, 1998). Ao afirmar que o processo de internalização é uma das contribuições mais importantes de Vygotsky, Morato (1996, p. 48) resume, em poucas palavras, a importância desse processo:

O processo de internalização concorre para a regulação e a organização da atividade humana e procede a uma análise evolutiva da regulação semiótica (nos termos de Vygotsky), a partir dos processos sociais da interação humana, que configuram em formas intra-cognitivas de regulação verbal (que seriam da fala egocêntrica e da linguagem interior).

Assim, a origem da linguagem interior está na linguagem social, que possibilita, no processo de desenvolvimento, o surgimento da fase intermediária entre as duas (a fala egocêntrica), tudo graças à diferenciação das funções da linguagem.

Relações possíveis

Partindo das considerações de Jakobson sobre as relações interdisciplinares da Linguística, traçamos como objetivo para este trabalho ressaltar a importância das concepções desse autor e de Lev Vygotsky para a teoria das funções da linguagem, no âmbito das reflexões teóricas do século passado. Para isso, vimos, primeiramente, os pontos fundamentais das obras desses autores no que diz respeito ao tema proposto.

Propomos-nos agora a tentar vislumbrar algumas pontes que ligariam esses dois pontos de vista ou, pelo menos, que mostrariam certa complementaridade de seus postulados sobre as funções da linguagem.

Como se podia esperar, encontram-se mais referências de Vygotsky à linguística do que de Jakobson à psicologia. No entanto, as menções de Vygotsky (1998; 2009) indicam uma confluência de percepções sobre o aspecto funcional da linguagem. Este autor reconhece o surgimento da linguística estrutural que foca, sobretudo, as funções da linguagem dentro da estrutura geral da comunicação. Para ele, os linguistas (de sua época) estariam retomando alguns postulados de Humboldt, que já teria percebido e destacado a diversidade funcional, principalmente, na distinção prosa/poesia. Humboldt, segundo Vygotsky (2009), já teria destacado que a linguagem tem suas peculiaridades nas escolhas das expressões, no emprego das formas gramaticais e dos modos sintáticos de fusão das palavras no discurso. Aqui temos uma convergência, se não clara, possível: verifica-se certa coincidência entre a proposta que coloca “escolha” e “emprego” no centro da discussão da estruturação da linguagem verbal – que, se postulada por Humboldt, foi, pelo menos, reconhecido por Vygotsky – e a concepção dos processos de “seleção” e “combinação” proposta por Jakobson em seu famoso trabalho sobre as afásias e os aspectos da linguagem (cf. JAKOBSON, 2010).

Como dissemos, Vygotsky (2009) reconhece as percepções de Humboldt, mas percebe que os linguistas estavam retomando seus postulados. Vygotsky postula, então, a mesma tarefa para a linguística e para a psicologia da linguagem. Reconhecendo certa limitação nos postulados de Humboldt e seus discípulos, principalmente, no fato de se aterem somente na distinção entre poesia e prosa, Vygotsky (2009, p. 453-454) assevera que:

Ainda assim, o pensamento desses teóricos, inteiramente esquecido pelos linguistas e ressuscitado só recentemente, é da mais alta importância não só para a linguística mas também para a psicologia da linguagem (...) Como a linguística, a psicologia da linguagem, ao desenvolver-se por sua via autônoma, nos coloca perante a mesma tarefa de distinguir a diversidade funcional da linguagem.

Assim, concordamos com Morato (1996, p. 80) quando, discutindo a filiação estruturalista de Vygotsky, afirma que sua concepção de língua como um sistema dinâmico “está mais para Jakobson do que para Saussure”.

Por último, podemos identificar uma clara convergência de postulados entre esses dois autores no que respeita à hierarquização das funções. Para Jakobson (2010), as comunicações apresentam várias funções da linguagem, ainda que prevaleça uma ou outra. Nas palavras do autor (JAKOBSON, 2009, p. 157):

Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos, contudo, encontrar mensagens verbais que tivessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma das diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica das funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante.

Da mesma forma, Vygotsky (2009) deixa claro que a linguagem não serve apenas para a comunicação, ou seja, não tem somente esta função. A função reguladora da linguagem, por sua vez, não se sobrepõe à comunicativa, mas é colocada como uma função importante dentre as já descritas pelos linguistas. Para Morato (1996, p. 84), a principal contribuição de Vygotsky, no que diz respeito às funções da linguagem, foi “pôr em pé de igualdade a função comunicativa e a reguladora, cabendo, ainda, à linguagem, a mediação entre o social e o cognitivo na constituição da ação humana”.

Por não haver oposição entre os postulados, entendemos que estes se complementam na medida em que suas formulações se dão sobre um mesmo ponto de vista: o da diversidade das funções da linguagem e da alternância (e não dominância) delas nos diferentes usos da linguagem.

The functions of language: contributions of Jakobson and Vygotsky

Abstract: *After the emergence of linguistics as modern science at the beginning of the twentieth century, developed a concept very clear about the need to establish linguistics as an autonomous science in the general framework of the social sciences. Not by chance the motto of the First Congress of Linguists, held in The Hague in 1928, was "the autonomy of linguistics" (Jakobson, 1970, p. 12). However, the autonomy of linguistics as a science not isolated from other areas of knowledge. Despite the fundamental role that language plays within the social sciences, one must admit other ways of seeing the linguistic phenomenon and seek to interpret them in terms of interdisciplinary complementarity. In this paper, we try to present some considerations about the contributions to the study of language, theorizing about the functions of language formulated during the mid-twentieth century, both in the area of structural linguistics, drawing on contributions from Roman Jakobson, as in psychology, focusing on studies of Lev Vygotsky. The goal is not to make comparisons and relationships*

between the theories themselves, but show parallel conceptions that analyze the functions of language recognizing the importance of each of the authors.

Key words: *Functions of language. Linguistics. Psychology.*

Referências

BLIKSTEIN, I. Prefácio. In: JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010, p. 7-15.

HOLENSTEIN, E. **Introdução ao pensamento de Roman Jakobson**. Tradução de Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JAKOBSON, R. A lingüística e suas relações com outras ciências. In: JAKOBSON, R. **Lingüística; poética; cinema**. São Paulo: PERSPECTIVA, 1970, p. 11-64.

_____, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

JORNAL DO BRASIL, Nota de falecimento de Roman Jakobson, 21/07/1982.

LUCCHESI, D. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

LURIA, A. R. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: ÍCONE/EDUSP, 1988, p. 21-37.

MATTOSO CÂMARA JR, J. Roman Jakobson e a Lingüística. In: JAKOBSON, R. **Lingüística; poética; cinema**. São Paulo: PERSPECTIVA, 1970, p. 165-174.

MORATO, E. M. **Linguagem e Cognição**: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: PLEXUS, 1996.

PAVEAU, M. A., SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Lingüística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: CLARALUZ, 2006.

PUZIREI, A. A. Introdução. In: VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929**. *Educ. Soc.* [online]. 2000, vol.21, n.71, p. 21-44.